[Recensão a] Borges, Anselmo (2016). Deus. Religiões. (In)Felicidade.

Autor(es): Marques, Maria Beatriz Moscoso

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43082>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4112_3-3_13

Accessed : 26-Apr-2023 11:49:31

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

3 FUTUROS

NÚMERO 3, 2017
3.ª SÉRIE

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

BORGES, ANSELMO (2016).

Deus. Religiões. (In)Felicidade.

Lisboa: Gradiva, 249 p.

Deus. Religiões. (In)Felicidade é o mais recente livro (2016) da vasta obra bibliográfica do Filósofo, Teólogo, Padre e Professor Universitário Anselmo Borges e constitui mais um contributo do autor para a missão, assumida há “alguns” anos, de incentivar, através das suas aulas, dos seus trabalhos académicos, teológicos, filosóficos, dos debates, das conferências etc., promovida quer a nível nacional, quer a nível internacional, a urgência de um diálogo permanente, aberto e profícuo entre a fé, a ciência e a cultura. Assim, mais do que uma obra de um filósofo ou de um teólogo, este trabalho dá-nos “uma visão excepcionalmente lúcida sobre os graves problemas do nosso mundo” (p. 11).

O discurso utilizado, ainda que por vezes eivado de um “certo hermetismo”, é, essencialmente, de natureza pedagógica e destina-se ao ser humano em geral, ao cidadão comum que convive diariamente, ainda que porventura de uma forma inconsciente, com a necessidade urgente de respostas às complexas perguntas: “Quem somos? Onde vimos? Para onde vamos? O que é que esperamos? O que é que nos espera?” (Ernst Bloch). Por conseguinte, é da procura insaciável destas respostas que depende a felicidade do ser humano e o futuro da Humanidade.

O livro divide-se em 3 partes - “O enigma: a Morte e Deus; O Diálogo Inter-religioso; O que traz Felicidade?”

Ao longo da primeira parte do livro, “O enigma: a Morte e Deus”, desenvolve-se o conceito de morte, entendida “estrategicamente” como fator de sobrevivência das sociedades desenvolvidas, tecnocientíficas e, pela primeira vez, como um tabu, “o último tabu”, “a garantia de poder e de progresso ilimitado, sem finalidade nem sentido humanos” (p. 22). De acordo com o autor, a morte é um tabu, pois “uma sociedade que se julga onnipotente nos meios não tem

resposta nem solução, que a única solução é ignorá-la, como se não existisse” (p. 33). Ora só o pensamento sadio da morte conduz à consciência do limite e do milagre de existir, isto é, ao perder-se o sentido da morte, perde-se o sentido da vida e vice-versa e perde-se a espiritualidade.

Ainda nesta primeira parte, Anselmo Borges desenvolve uma ideia muito interessante sobre o posicionamento do homem “que vive normalmente em Sábado” (pp. 100-106), entre a morte (o horror de sexta feira) e a ressurreição (a esperança do Domingo de Páscoa) e que na Sociedade atual está sujeito “a viver permanentemente em sexta feira”, isto é, a um novo tipo de escravidão imposto por “uma sociedade centrada na produção e consumo, no ter, no êxito, no cálculo, no espectáculo, no poder” (p. 33). Paralelamente analisa o conceito de mortalidade que conduz à reflexão sobre as diversas perspectivas e relações existentes entre os conceitos de Infinito, de Deus, de Tempo, de Fé, de Igreja, de Religião e de Ciência.

Na segunda parte do livro, “O Diálogo Inter-religioso”, o autor faz depender a paz no mundo da paz entre as religiões e esta última do diálogo pluralista, tolerante, universal e multicultural que se encetar. Esse diálogo implica a existência de critérios éticos globais (p. 117) e do consenso e aplicação de diversos pressupostos. O primeiro pressuposto é o esclarecimento entre religioso e sagrado. Assim, Anselmo Borges faz uma distinção muito clara entre Religião, “referência e relação com uma realidade última salvífica” (p. 117), Religiosidade, “tem a ver com o movimento de transcendimento”, Religioso, “aquele ou aquela que se entrega confiadamente ao Sagrado ou Mistério, donde espera salvação” (p. 119), e Religiões, entendidas como “construções humanas” que “são mediações entre os homens e mulheres religiosos e o Sagrado ou Mistério. Assim, as diferentes religiões configuram de modo diferente esse Sagrado ou Mistério” (p. 119). O segundo pressuposto é o entendimento do conceito de Revelação e de Livros Sagrados. O terceiro pressuposto é a necessidade de uma leitura histórico-crítica dos Livros Sagrados, a qual, de acordo com o autor, “nunca pode ser literal, pois implica sempre uma interpretação” (p. 122). O quarto pressuposto é a separação das Igrejas e do Estado, pressuposto que o autor considera neutral do ponto de vista religioso.

Por último, na terceira parte do livro, “O que traz Felicidade?”, Anselmo Borges desenvolve o conceito de Felicidade, entendido como o objetivo último

da plenitude do ser humano e o ponto de ligação do homem com Deus, com a morte e com “a eternidade de Deus ou a eternidade do nada”. A este respeito o autor questiona-se sobre se o dinheiro faz a felicidade e afirma que “Não se confirma a fórmula mágica do capitalismo liberal: crescimento do PIB = aumento da felicidade” (p. 165), concluindo que ocorreu uma mudança na escala de valores da Sociedade da Informação, em que os meios tornaram-se fins e conduziram à existência de “gente riquíssima que é infeliz e quem viva feliz na sobriedade” (p. 169). Assim reclama a “urgência de mudar globalmente de paradigma” (p. 171) e, apesar de não haver receitas ou fórmulas químicas para a felicidade, considera de importância crucial repensar o contributo da religião para a (in)felicidade do ser humano, assim como a hierarquia de valores dos chamados “nativos digitais” e a tensão permanente entre o ter e o ser, o essencial e o supérfluo, o bom e o mau, etc.

Em jeito de conclusão, consideramos que esta obra reveste-se de um carácter de modernidade, entendida no seu significado de humanismo, democracia, defesa dos direitos humanos, do desenvolvimento científico, e de atualidade, visível através das ameaças de terror vindas de todo o mundo e que afetam indistintamente católicos, protestantes, muçulmanos, budistas, hindus, agnósticos, ateus, etc.

Tal como pretende o autor na apresentação, consideramos que este livro “embora composto por fragmentos” - crónicas semanais de Anselmo Borges no *Diário de Notícias* -, não é um livro disperso e há uma unidade temática muito bem articulada e muito bem conseguida.

Para além das inúmeras citações ao longo do texto, cuja importância justificava a existência de uma Bibliografia final, o autor não se inibe de dar a sua opinião crítica sobre muitos dos temas fraturantes da atual Sociedade da Informação e/ou do Conhecimento, nomeadamente a busca de um sentido último para a vida. No âmbito deste contexto, o autor “destrói uma cultura de verdades absolutas, intransigências, obstinações, crenças e inaugura uma cultura de dialogo intercultural, inter-religioso, etc.”, distanciando-se de “todo o ar que possa cheirar a seita ou a sacristia” (p. 12).

À pergunta que os leitores gostavam de ver respondida: Se Deus e as Religiões contribuem para a felicidade ou para a infelicidade do Ser Humano?,

apesar de não haver uma resposta por parte do autor, há imensas pistas ao longo do texto que nos permitem a ousadia de alvitrar a dupla possibilidade, fazendo-a depender da conceção do Deus (bom ou mau, vingativo ou tolerante, etc.) da Religião (dogmática ou criativa) e da Felicidade (adaptada aos valores individuais e coletivos da Sociedade dos “Tempos Modernos”).

Não hesito em afirmar que este livro, tal como toda a vastíssima obra de Anselmo Borges, desperta muita curiosidade e reflexão e é um trabalho rigoroso de análise sobre alguns dos maiores flagelos da humanidade que, e (in)felizmente, são muito falados no nosso dia a dia, mas pouco debatidos com esta precisão, clareza, lucidez, rigor e neutralidade.

MARIA BEATRIZ MOSCOSO MARQUES

beatrizmarquesfluc@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra